

**engrossent[ar]** - v. (*en* + *grosso* + *-entar*). → engross[ar]. 'engordurar'. || G [1399/tsla/64vc2]: Se foy l torpe en comer . ou en beuer . como diz l san bernaldo abrindo muyto aboca . l ou soando con os beyços como besta l ou vertendo os maniares ou ovyn l ho por sy ou por amesa ou metendo l torpemente toda amãõ ou todos os l dedos en na escudela . ou tornando o pan l mosegado aella . ou ovaso com aboca en l **grossentando** . ou as toalhas torpemen l te enscuiando Se se queixo muyto en / l ocomer sen l he dando pressa *que* he syn l al de *guargantuice*.

**enhader** → enader.  
**enhale[ar]** — v. (< de *en* + *alear* [este do lat. *alienare*]<sup>el</sup>.) 'alienar'; 'transferir para outrem a posse ou propriedade de algo'. || CF3 [xiii/frac/84v]: Se algũa cousa for metuda en iuyzo e *aquel que* a teuer e a **enhalear** ante *que* seya liurada *per* iuyzo e *per* aueença, en poder seya do demandador de a (de a) demandar aaquel que lha alheou ou aaquel que a recebeu.

**enhatamente** - adv. (< *enhata* + *-mente*). → *enhata* . /*enatho*. 'hediondamente'; 'de maneira repugnante'. [xiv/flos/23rc2]: e muytas vezes veo a mim qual ele era muy

Aparecida Negri Isquerdo  
Celina Márcia de Souza Abbade  
**ORGANIZADORAS**

# ASCIÊNCIAS DO LÉXICO

LEXICOLOGIA  
LEXICOGRAFIA  
TERMINOLOGIA

**VOLUME IX**

**engrossent[ar]** - v. (*en + grosso + -entar*). → engross[ar]. ‘engordurar’.  
|| G [1399/tsla/64vc2]:  
Se foy l torpe en comer . ou en beuer . como diz l san bernaldo abrindo muyto aboca . l ou soando con os beyços como besta l ou vertendo os maníares ou ovyn l ho por sy ou por amesa ou metendo l torpemente toda amãõ ou todos os l dedos en na escudela . ou tornando o pan l mosegado aella . ou ovaso com aboca **en l grossentando** . ou as toalhas torpemen l te enscuiando Se se queixo muyto en / l ocomer sen lhe dando pressa *que* he syn l al de *guargantuice*.

**enhader** → enader.  
**enhale[ar]** — v. (< de *en + alear* [este do lat. *alienare*]<sup>el</sup>.) ‘alienar’; ‘transferir para outrem a posse ou propriedade de algo’. || CF3 [xiii/frac/84v]: Se algũa cousa for metuda en iuyzo e *aquel que* a teuer e a **enhalear** ante *que* seya liurada *per* iuyzo e *per* aueença, en poder seya do demandador de a (de a) demandar aaquel que lha alheou ou aaquel que a recebeu.

**enhatamente** - adv. (< *enhata + -mente*). → enhata . /enatho. ‘hediondamente’; ‘de maneira repugnante’.  
[xiv/flos/23rc2]: e muytas vezes veo a mim qual ele era muy

Aparecida Negri Isquerdo  
Celina Márcia de Souza Abbade  
**ORGANIZADORAS**

# ASCIÊNCIAS DO LÉXICO

LEXICOLOGIA  
LEXICOGRAFIA  
TERMINOLOGIA

**VOLUME IX**



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MATO GROSSO DO SUL**

Reitor

Marcelo Augusto Santos Turine

Vice-Reitora

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

Obra aprovada pelo

CONSELHO EDITORIAL DA UFMS

DELIBERAÇÃO Nº 38, DE 19 DE NOVEMBRO DE 2020

Conselho Editorial

Rose Mara Pinheiro (presidente)

Além-Mar Bernardes Gonçalves

Alessandra Borgo

Antonio Conceição Paranhos Filho

Antonio Hilario Aguilera Urquiza

Delasnieve Miranda Daspert de Souza

Elisângela de Souza Loureiro

Elizabeth Aparecida Marques

Geraldo Alves Damasceno Junior

Marcelo Fernandes Pereira

Nalvo Franco de Almeida Jr

Rosana Cristina Zanelatto Santos

Ruy Caetano Correa Filho

Vladimir Oliveira da Silveira

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Coordenadoria de Bibliotecas – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)**

---

As ciências do léxico : volume IX : lexicologia, lexicografia, terminologia / Aparecida Negro Isquierdo, Celina Márcia de Souza Abbade, organizadoras. – Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2020.

Modo de acesso: <https://repositorio.ufms.br>

Texto em português e espanhol.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-86943-24-5

1. Lexicologia. 2. Lexicografia. I. Isquierdo, Aparecida Negri. II. Abbade, Celina Márcia de Souza.

CDD (23) 413.028

---

Bibliotecária responsável: Wanderlice da Silva Assis – CRB 1/1279

Aparecida Negri Isquerdo  
Celina Márcia de Souza Abbade  
ORGANIZADORAS

# AS CIÊNCIAS DO LÉXICO

LEXICOLOGIA  
LEXICOGRAFIA  
TERMINOLOGIA

**VOLUME IX**

Campo Grande - MS  
2020

 editora  
**UFMS**

© dos autores:  
(Orgs.) Aparecida Negri Isquerdo  
Celina Márcia de Souza Abbade

1ª edição: 2020

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica  
TIS Publicidade e Propaganda

Revisão  
A revisão linguística e ortográfica  
é de responsabilidade dos autores

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

Direitos exclusivos  
para esta edição



**Divisão da Editora UFMS - DIEDU/AGECOM/UFMS**

Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário, Campo Grande - MS, 79070-900  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Fone: (67) 3345-7203  
e-mail: diedu.agecom@ufms.br

Editora associada à



ISBN: 978-65-86943-24-5  
Versão digital: novembro de 2020.

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO ..... 9

## PARTE I - LEXICOLOGIA

**Didáctica del *tejido fraseológico* en el ámbito del francés con fines universitarios (FFU)**

Maria Isabel González-Rey ..... 18

**A toponímia de tradição oral: algumas notas**

Matteo Rivoira..... 47

**A renovação lexical na mídia: aspectos linguístico-discursivos das criações vernaculares e dos estrangeirismos**

André Crim Valente..... 68

**Toponímia urbana: um estudo de caso a partir de dados do ATEMS**

Aparecida Negri Isquerdo; Ana Paula Tribesse Patrício Dargel..... 82

**Os signos toponímicos e suas marcas na história da Bahia**

Celina Márcia de Souza Abbade; Clese Mary Prudente Correia ..... 104

**Em busca de esquemas conceituais do *cachorro* e do *cavalo* na fraseologia do português, espanhol e francês: um estudo de *zoomorfismos* com base em dados lexicográficos**

Elizabete Aparecida Marques..... 121

**Sistema toponímico do Tocantins (SISTOP): resultados de um software pedagógico**

Karylleila dos Santos Andrade; Rodrigo Vieira do Nascimento .....144

**A variação lexical no *Atlas Linguístico do Brasil***

Marcela Moura Torres Paim .....161

**Tendências e perspectivas dos estudos antroponímicos**

Márcia Sipavicius Seide..... 179

**Repositório de dados digitais: toponímia de Minas Gerais, do setecentos ao oitocentos joanino**

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra; Márcia Maria Duarte dos Santos; Amanda Estela Guerra; Maria Dulce de Faria; Antônio Gilberto Costa..... 200

**PARTE II - LEXICOGRAFIA**

**Para uma periodização da Lexicografia em território uruguaio**

Magdalena Coll .....221

**As ideias linguísticas de Juan Carlos Guarnieri**

Ricardo Soca..... 243

**A inserção de equivalentes nas línguas italiana e francesa em um dicionário de português língua estrangeira (PLE)**

Claudia Zavaglia; Adriana Zavaglia..... 253

**O vocabulário da navegação portuguesa no século XVI: o *Diário da Navegação* de Pero Lopes de Sousa (1530 - 1532)**

Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa..... 269

**Uma proposta de seleção de contextos para dicionário**

Enilde Faulstich; Michelle Machado de Oliveira Vilarinho..... 285

## **PARTE III - TERMINOLOGIA**

### **Pondo em bons termos os dicionários especializados e os dicionários de língua geral**

Marie-Claude L'Homme; Alain Polguère..... 304

### **Mudanças terminológicas no domínio das certidões de casamento ao longo da história do Brasil: termos que denominam os agentes que celebram os casamentos e expedem as certidões**

Beatriz Curti-Contessoto; Lídia Almeida Barros ..... 329

### **Conservação e restauração de bens móveis em papel: a variação terminológica em textos especializados e de divulgação do Brasil e do Uruguai**

Cleci Bevilacqua.....347

### **Terminologia, conceitos e crianças: revisitando os estudos de Vigotski**

Mariângela de Araújo..... 370

### **Unidades terminológicas complexas, funções lexicais e registro terminográfico**

Sabrina Pereira de Abreu.....382

**OS AUTORES** .....406

**AS ORGANIZADORAS** ..... 419



# REPOSITÓRIO DE DADOS DIGITAIS: TOPONÍMIA DE MINAS GERAIS, DO SETECENTOS AO OITOCENTOS JOANINO

*Maria Cândida Trindade Costa de Seabra*

*Márcia Maria Duarte dos Santos*

*Amanda Estela Guerra*

*Maria Dulce de Faria*

*Antônio Gilberto Costa*

## INTRODUÇÃO

**D**ocumentos cartográficos integram as fontes de dados muito valorizadas para estudos toponímicos – constituem documentos, auxiliando não apenas no conhecimento pontual de uma determinada área mapeada, mas permitem, também, considerando-se o momento sincrônico da análise, que se busquem outros planos de apreensão do topônimo, em épocas anteriores, descrevendo-se ou recuperando-se o *continuum* denominativo daquele nome de lugar.

Objeto de pesquisas recorrentes, relacionadas ao território mineiro, desenvolvidas por pesquisadores diversos, essas fontes primárias de informação e memórias históricas constituem um patrimônio linguístico, sitiadas no Centro de Referência em Cartografia Histórica (CRCH), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que, recentemente, impulsionadas pelo projeto *Registros Cartográficos Históricos: Revelando o Patrimônio Toponímico de Minas Gerais do Período Colonial ao Joanino*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pelo CNPq - Processo nº 408869/2013-5

passou a ser objeto de análise, recebendo abordagem e o tratamento de dados sobre a cartografia e a toponímia de Minas Gerais. Para uma pesquisa dessa natureza, é essencial que se valha de uma equipe multidisciplinar, uma vez que requer conhecimentos variados e complexos.

A pesquisa abordou quinze mapas, requereu o levantamento de topônimos e sua organização em um banco de dados, o qual foi desenhado para a consecução dos seguintes objetivos:

- i) levantamento de assentamentos de locais e de sítios referentes à população no território mineiro;
- ii) localização de aldeias de gentios;
- iii) patenteamento de padrões motivadores dos nomes encontrados;
- iv) estudo das camadas dialetais presentes na formação dos topônimos encontrados;
- v) confirmação ou não da permanência dos topônimos no território, atualmente.

Os resultados desse estudo propiciaram, como se planejou, uma produção bibliográfica variada (Santos; Seabra; Costa, 2016; Costa; Santos; Seabra, 2016; Costa; Santos; Seabra, 2014), porém, não esgotou o potencial de informações reunidas sobre os topônimos de Minas Gerais. Por essa razão e, pelo fato de ser sempre possível uma releitura dos dados, ponderou-se sobre a relevância de disponibilizar tais informações aos interessados na Cultura, na Língua, na Geografia e na História do território. Dessa forma, decidiu-se pela reorganização do banco de dados históricos e pela sua apresentação em um arquivo digital, situado em [www.repositoriotoponimia.com.br](http://www.repositoriotoponimia.com.br), cuja estrutura se mostra na Figura 1<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> A disponibilização para o público, do Repositório Digital de Dados, ocorreu no final de setembro de 2017, nos seguintes endereços eletrônicos: <<http://www.repositoriotoponimia.com.br.html>> e Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, IHG MG - <<http://www.ihgmg.org.br.html>>. Acesso em: dez. 2018.

**Figura 1:** Tela de abertura do repositório digital de dados sobre a toponímia mineira



**Fonte:** <http://repositoriotoponomia.com.br/home>

Nosso interesse pela Toponímia de Minas Gerais representada em mapas que foram confeccionados no período “do setecentos ao oitocentos joanino” assim se justifica:

- i) É um período em que Minas Gerais integra efetivamente o Brasil Colônia;
- ii) Dá-se nos anos setecentos a ocupação do território mineiro, após a descoberta do ouro, seguido de sua extração;

iii) Constitui o oitocentos joanino, período de 1808 a 1821, época que se inicia com a vinda da família real para o Brasil.<sup>3</sup>

## **1. MEMÓRIAS DO TERRITÓRIO MINEIRO – MAPAS DA CAPITANIA E DAS COMARCAS**

Os mapas estudados compreendem escalas denominadas geográficas e cartográficas. As primeiras correspondem às representações de áreas de jurisdição político-administrativa e judiciária, vigentes nos períodos enfocados, chamadas Capitania e Comarca. A escolha dessas circunscrições territoriais responde à perspectiva diatópica da pesquisa que deu origem ao banco de dados históricos, reorganizado no arquivo que se apresenta.

No Repositório, as imagens estudadas (8 da Capitania e 7 de Comarcas) serão mostradas, em conjunto, segundo a circunscrição correspondente, e poderão ser vistas individualmente, de modo ampliado, e associadas às suas referências cartográficas<sup>4</sup>. Para a seleção dos exemplares, observaram-se critérios considerados essenciais e desejáveis. Os essenciais são a tipologia da representação – todos os exemplares deveriam ser da mesma espécie ou da mesma natureza – e a datação, sempre referente ao período Colonial e ao Oitocentos Joanino. Os desejáveis, mas não determinantes, tratam da presença de elementos e de características, tais como limites das Comarcas, nos mapas da Capitania; de legendas; de escalas variadas e de diferentes autorias. Em referência às duas categorias de critério, aponta-se um exemplo particularmente ilustrativo, a *CARTA*

---

<sup>3</sup> Dentre as diversas realizações do governo Joanino, destacamos: 1) abertura dos portos brasileiros às nações amigas; 2) estabelecimento de indústrias no Brasil; 3) instalação de sistemas administrativos e jurídicos no Rio de Janeiro, com a criação de tribunais e ministérios; 4) investimentos nas áreas de educação e cultura, dentre elas, a criação da Biblioteca Real, da Academia Real de belas Artes e da Imprensa Real; 5) elevação do Brasil, em 1815, a Reino Unido de Portugal e Algarves.

<sup>4</sup> Imagens e referências dos documentos em questão são apresentadas em Santos, Seabra, Costa (2016).

*Geographica da Capitania de Minas Geraes, e Partes Confinantes* (1767), que não apresenta a divisão das Comarcas, nem legenda. Porém, o fato de ser a representação mais antiga do território da Capitania, do período Colonial, que se conhece na atualidade, e o de apresentar a maior escala do conjunto de mapas estudados justificaram sua inclusão na amostra.

Na escolha dos exemplares dos mapas da amostra, os estudos preliminares mostraram, ainda, que as duas últimas características (escalas variadas e diferentes autorias) não seriam consideradas. Como se sabe, as escalas determinam os níveis de generalização concernentes à informação representada. Nessa perspectiva, e considerando-se o levantamento pretendido – o estudo da toponímia mineira –, teoricamente disponível em mapas com a mesma escala geográfica, bastaria escolher o de maior escala cartográfica, e dispensar as representações semelhantes, em relação a esse elemento, ou com uma escala menor. Não obstante, para atender à perspectiva diacrônica, que também caracterizou a pesquisa realizada, foi necessário usar mapas com escalas muito próximas, tais como, os exemplos componentes da amostra, referentes ao período Colonial: o *MAPA Topografico e Idrografico da Capitania de Minas Geraes* (produzido entre 1791 e 1798), o de Rocha (1793) e o de Miranda (1804).

Verificou-se ademais que, em termos de Cartografia Histórica, a assertiva sobre a relação entre nível de informações – ou o maior detalhamento das feições geográficas – e escala cartográfica, não é sempre verdadeira, pois o nível do conhecimento, a propósito do espaço geográfico representado, a questão de sua ocupação, a par das intenções e dos propósitos e o contexto de sua realização, também são fatores intervenientes na relação explicitada. A *CARTA Geographica da Capitania de Minas Geraes, e Partes Confinantes* (1767), já citada, dentre outros exemplos, esclarece também essa consideração, pois, em termos de produtividade, em relação à coleta de topônimos, não correspondeu ao nível de generalização que sua escala sugeria. Acrescenta-se à ponderação apresentada, tratando-se de toponímia

histórica e, considerando os objetivos da pesquisa realizada, mesmo que o rol dos nomes encontrados, em um mapa e outro, diferísse pouco, esse fato não faria diferença, em termos quantitativos, para a identificação de tendências gerais. Entretanto, poderia ser qualitativamente significativo, pois um e outro nomes poderiam constituir-se em exemplos notáveis ou, simplesmente atualizados, sob os pontos de vista linguístico e geográfico. Esse aspecto determinou, também, o uso de mapas de um mesmo autor, que foram realizados em datas próximas, no caso, as produções de Rocha (1777a, b, e c; 1778 a, b, c, d, e; 1779).

## 2. REFERÊNCIAS SOBRE AS ESCALAS CARTOGRÁFICAS E AS COORDENADAS GEOGRÁFICAS

A determinação das escalas cartográficas teve como referência as gráficas, encontradas em todos os documentos estudados, exceto em uma representação da Capitania, a de Eschwege (1821), e duas de Comarcas, a de Rocha (1777c e 1778c), que apresentam o *petipé* graduado, sem indicar as medidas em léguas correspondentes. Nos casos distinguidos, o cálculo da escala beneficiou-se da determinação por coordenadas geográficas do espaço de representação, e possibilitou a medida da distância entre graus consecutivos, cujo valor foi comparado com o valor padrão atribuído a um grau – 111,111km, em latitude. Nos casos predominantes, empregou-se o valor da légua brasileira, 3000 braças ou 6,522km, para as comparações necessárias dentre os valores coevos atribuídos à légua<sup>5</sup>. Para além dessas informações, nota-se que os estudos de escala dos mapas da amostra da pesquisa não visaram a estabelecer os reais valores das léguas usadas por seus autores. Tratou-se apenas de determiná-las, visando ao conhecimento do nível de generalização das informações representadas.

---

<sup>5</sup> Sobre a denominação da medida – léguas brasileiras – e o valor, remete-se a Marques (2001).

Os mapas da amostra indicam sempre as coordenadas geográficas. Dentre essas medidas, as de latitudes são referenciadas pelo Equador, o paralelo de 0°, adotado universalmente desde a Antiguidade Clássica. As de longitudes encontram-se estabelecidas a partir de primos meridianos distintos, tendo em vista a inexistência, na época, de uma convenção sobre a escolha de um meridiano principal para os mapas luso-brasileiros. Apesar da falta de padronização nos períodos estudados, nem sempre esses meridianos eram anotados pelos autores dos mapas. Tratou-se, então, de realizar uma revisão bibliográfica a respeito, que mostrou o uso de referências variadas, correspondentes a indicações insulares: Praia, situada na ilha de Santiago, capital de Cabo Verde, e Santo Antão, na ilha homônima, também pertencente ao arquipélago, já citado, situado ao largo das costas da África Ocidental; Ferro, ilha de mesmo nome, a mais ocidental do arquipélago das Canárias, também localizada na costa noroeste do continente africano; e outras continentais, como o Rio de Janeiro, definida pelo Pão de Açúcar, e Paris, pelo observatório de mesmo nome<sup>6</sup>.

Outro aspecto característico da Cartografia dos períodos estudados, referentes ainda ao estabelecimento das longitudes, é o de versar sobre o fato de, comumente, não considerar um antimeridiano apostado ao de origem. Em decorrência, as longitudes definem-se de modo crescente, em direção ao leste, a partir do meridiano de 0° escolhido, o que pode ser observado na maior parte dos mapas da amostra analisada. A extensão longitudinal do espaço de representação registrada no *MAPPA da Capitania de Minas Geraes* (ROCHA, 1777a), por exemplo, é indicada pelas longitudes 334° e 344°, determinadas a partir de Ferro. Em contraposição, nos dois mapas que se excetuam do conjunto da mostra, por considerar um primo meridiano e o seu antimeridiano, as indicações longitudinais, necessariamente, fazem referência às posições ocidentais e, ou orientais em relação à origem das medidas. Cita-se o *MAPPA da Capitania de Minas Geraes* (1808

---

<sup>6</sup> Sobre a revisão, citam-se: Cintra e Santos (2011); Santos, Cintra e Seabra (2012); Santos, Cintra e Renger (2013).

ou 1809), em que o autor desconhecido anota sobre a extensão longitudinal da representação compreendida pelas medidas 23° e 34°: “Longitude Occidental da Ilha de Ferro”. Em outro exemplo, o mapa de Eschwege (1821), o espaço de representação estende-se tanto a leste, como a oeste do primo meridiano escolhido, o do Rio de Janeiro, referenciado pelo Pão de Açúcar, definido pelas medidas 0° a 5° W a 0° a 2° E.

### **3. SOBRE LEGENDAS, NOTAS EXPLICATIVAS E DECODIFICAÇÃO DOS SIGNOS CARTOGRÁFICOS**

Ao padrão dos quinze mapas estudados, em oito, relaciona-se a presença de legenda e, ou de notas explicativas, com vistas à decodificação de signos usados nas representações, à complementação e, ou à suplementação de informações sobre os acidentes geográficos que registram. Todavia, dentre os mapas que compõem a amostra, sete não apresentam o elemento legenda e, com exceção de um, que representa a Capitania, os demais se referem às Comarcas mineiras. Esses sete exemplares fazem parte de um conjunto articulado de mapas da “Capitania de Minas e de suas Comarcas”, de um mesmo autor (ROCHA, 1777a, b e c; 1778a, b, c, d, e), dentre os quais, encontram-se três legendados (ROCHA, 1777a e b; 1778a). Os mapas legendados, além de outro da Capitania (ROCHA, 1793), que também apresenta o elemento em questão, foram empregados na interpretação daqueles sem legenda. Tendo em vista o exposto, nota-se que os maiores desafios, a propósito da decodificação dos signos dos mapas sem legenda, restringiram-se à representação da Capitania, a mais antiga da amostra, como já se mencionou, a *CARTA Geographica da Capitania de Minas Geraes, e Partes Confinantes* (1767).

Por sua vez, o registro das datas dos mapas é encontrado na maior parte das representações da Capitania e das Comarcas estudadas. Para os mapas que não o apresentam, procurou-se determinar e, ou reavaliar, na etapa preliminar da pesquisa, referente ao projeto sobre a toponí-



mia mineira, e no processo de reorganização do banco de dados, as datas aproximadas de realização dos originais, baseando-se em estudos anteriores<sup>7</sup>. Nesse procedimento, várias fontes documentais foram também consultadas para se estabelecer a data de instituição, ou de elevação das povoações representadas nos mapas, as categorias político-administrativas correspondentes às paróquias ou freguesias, às vilas e à cidade, o que permitiu chegar-se a uma datação aproximada das fontes estudadas.

Tendo em vista o registro, ou a identificação das datas dos mapas da amostra, constatou-se que predominam os do período Colonial, realizados da segunda metade do Setecentos até o início do Oitocentos. As representações mais antiga e a mais recente, desse período, são a *CARTA Geographica da Capitania de Minas Geraes, e Partes Confinantes* (1767) e o de Miranda (1804); esse último, também, uma representação da Capitania. Para o Oitocentos Joanino, foram estudados apenas dois mapas, ambos da Capitania: o *MAPPA da Capitania de Minas Geraes* (1870, cópia) e o de Eschwege (1821). Esses mapas correspondem aos que, nas escalas geográficas consideradas na pesquisa, fazem parte de acervos de instituições guardiãs de documentos cartográficos e são conhecidos na atualidade. Como ponderam Santos, Seabra e Costa (2016), as realizações dos Oitocentos Joanino, ao contrário do que se verificou para o Setecentos, não foram favorecidas por aspectos políticos, sociais e econômicos, nem pela sua extensão temporal.

A maioria dos mapas estudados (doze) tem autoria declarada, embora essas declarações sejam apenas de três cartógrafos: José Joaquim da Rocha, que responde tecnicamente por dez; Caetano Luís de Miranda e Guilherme (Barão D'Eschwege), respondem cada um por uma represen-

---

<sup>7</sup> Dentre esses estudos, citam-se: Santos (2010) e Santos, Cintra e Renger (2013). A propósito do mapa *MAPPA da Capitania de Minas Geraes*, verificou-se, nessa oportunidade, que se trata de cópia feita em 1870, de uma cópia manuscrita, realizada, por sua vez, entre 1808 e 1809. Para a redefinição da datação do documento em questão, baseou-se, entre outras informações, em Galvão (1998).

tação. Esses autores serviram aos governantes mineiros; o primeiro e o terceiro, como militares, e o segundo como funcionário da Intendência dos Diamantes. Rocha, Miranda, Eschwege e outros autores que não se identificaram, segundo Santos, Seabra e Costa (2016), estavam ligados às atividades de planejamento e de administração do território mineiro, e tiveram acesso ao contexto de produção cartográfica da época e ao conhecimento geográfico que os realizadores demonstram em seus mapas.

#### **4. ACIDENTES<sup>8</sup>, NOMES GEOGRÁFICOS E OUTRAS VARIÁVEIS DO BANCO DE DADOS**

O banco de dados deste Repositório reúne informações sobre lugares correspondentes a acidentes geográficos restritos aos da dimensão humana do território, construído ao longo dos períodos Colonial e Joanino, nas Minas Gerais. Os acidentes identificados nos mapas da amostra estudada compreendem: 1- assentamentos da população, povoações correspondentes às diferentes hierarquias: político-administrativas e eclesiais; 2- locais onde estão assinaladas as presenças de guardas, quartéis, destacamentos e, ou patrulhas militares, registros ou postos reais; 3- outros sítios, assim chamados, genericamente, nas representações; 4- áreas habitadas pelos gentios; 5- e suas aldeias.

Esses acidentes foram registrados nas legendas dos mapas, nas quais, arrolam-se os signos usados na composição do espaço de representação ou, em outros termos, os significantes – as imagens gráficas – e os significados, os conceitos. Em alguns casos, os acidentes são conhecidos por meio de notas explicativas, ou suas designações aparecem

---

<sup>8</sup> ACIDENTE: Trata-se da natureza semântica da denominação, ou seja, o vínculo entre o nome e o lugar. Divide-se em humanos e físicos. Ao acidente físico está relacionada a geografia da região: rio, ribeirão, cachoeira, córrego, morro. Já ao acidente humano, relacionam-se os lugares habitados pelo homem e as construções por ele realizadas como cidade, distrito, povoado, fazenda, sítio, pequenas propriedades, habitações isoladas no meio rural, pontes. (SEABRA, 2004, p. 49)

justapostas a um nome. Percebe-se que as povoações, geralmente, são identificadas na legenda, por meio de signos. Entretanto, dada a importância político-administrativa e social das vilas, mesmo que o vocábulo não componha o nome da povoação, alguns cartógrafos registram essa condição de *status* junto ao nome, como “Villa do Caete”, “Villa de Pitanguí” e “Villa do Sabará”, na Comarca de Sabará; “V.<sup>a</sup> de S. João” (São João Del-Rei) e “Villa de S. Jozé” (Tiradentes), na do Rio das Mortes, e “Va. do Fanado” (Minas Novas), na do Serro, tal como registra Rocha (1777a).

Em mapas da amostra, as aldeias de gentios também aparecem nas legendas, mas a presença dos não aldeados, no território, é indicada em notas. Destacam-se, como exemplo, no *MAPPA Topografico e Idrografico da Capitania de Minas Geraes*, produzido entre 1791 e 1798, as notas: na porção noroeste da Comarca do Sabará, “Certão vadeado pelo Gentio Caepô (Caipós) [...] q tem feito hostilidades aos viagantes”; na região oriental da Comarca de Vila Rica, “Certão inculto dominado pelo barbo Gentio Pori (Puri)”. Nas representações estudadas, por sua vez, muitos dos registros e das guarnições militares apresentam a designação do acidente que compõe o nome geográfico. No *MAPPA da Capitania de Minas Geraes* (c. 1808), lê-se “Registo do Mathias Barbosa” (Matias Barbosa), na Comarca do Rio das Mortes; em Rocha (1793), “Goardas das Caldas”, também na do Rio das Mortes.

A propósito dos acidentes geográficos, nota-se também que, embora os mapas tratem fundamentalmente dos mesmos acidentes, os autores diferem em relação aos seus registros. É importante ressaltar e exemplificar essa característica, assim como foi feito em relação à, anteriormente, abordada, de forma a tornar, mais facilmente compreensível, aos leitores, os dados armazenados no banco do Repositório. As diferenças que se apresentam nesta pesquisa concernem a uma propriedade topológica – a de inclusão –, em que se considera a legenda como uma estrutura de classe. Nos exemplos seguintes, poderá ser verificado que, ora os autores destacam um

elemento de uma classe, apesar de representarem também a classe, ora reduzem uma classe a um elemento. Essas variações estão relacionadas também às questões de nível de generalização que os cartógrafos imprimem aos documentos, que podem estar associadas, ainda, ao nível de agregação dos dados que se encontravam à sua disposição para a construção dos documentos, aos propósitos que orientaram a execução de seus trabalhos, aos seus destinatários, entre outros.

Sobre os exemplos, observa-se que os mapas estudados assinalam, no território, a presença de vilas que identificam a posição político-administrativa dessas povoações, nas legendas e no espaço de representação. Não obstante, em Miranda (1804), encontram-se distinguidas as vilas que são sedes das Comarcas, de outras que não o são. Desse modo, na Comarca de Sabará e na do Rio das Mortes, são representadas, fidedignamente, como cabeças de comarca, a “V<sup>a</sup> de Sabara” e a “Villa de S. João” (São João Del-Rei), enquanto as demais são assinaladas como vilas, a saber, “V.<sup>a</sup> de Barbacena”, “V.a do Caete”, “V.<sup>a</sup> da Campanha da Princesa” (Campanha), “V.<sup>a</sup> de Quelus” (Conselheiro Lafaiete), “V.<sup>a</sup> de Paracatu”, “V<sup>a</sup> de Pitangui”, “V.<sup>a</sup> de Tamandua” (Itapecerica) e “V. de S. Joze” (Tiradentes).

No que diz respeito às povoações que correspondem à classe dos arraiais, constata-se o contrário; os autores destacam elementos da classe. De modo geral, representam os arraiais paróquias e os arraiais capelas, como exemplifica Rocha (1777a; 1778 a; 1793). No mapa de Miranda (1804), nota-se o uso do termo freguesia, que também era utilizado, na época, para designar as paróquias e representar mais um elemento da classe chamada, genericamente, de arraiais.

Os exemplos citados, anteriormente, correspondem a situações em que, na legenda, os autores notificam as categorias de arraiais, tanto na relação de significantes, como na de significados. Chama-se a atenção para o mapa de Eschwege (1821), que constitui uma exceção. Na relação

de significados que consta na legenda, o autor reconhece a existência das categorias de arraiais citadas, mas as associa a apenas um significante, o que impossibilita a identificação dos elementos em questão, no espaço de representação. Uma generalização semelhante ocorre em Rocha e em um autor anônimo que assinalam, no espaço geográfico representado, a presença de guarnições militares e de postos fiscais. Rocha (1778a), por exemplo, identifica, com o mesmo significante, os registros, as guardas e as patrulhas de soldados. Por fim, nota-se que, quando se trata do vínculo entre o nome e o lugar dos acidentes geográficos, os acidentes, assim como o nome, podem apresentar alterações ao longo do tempo (SEABRA, 2004). Desse fato decorre a importância da perspectiva histórica dos estudos da toponímia de um território. Essa relevância manifesta-se no estudo, do qual originou-se o banco de dados que se apresenta, e propiciou muitos exemplos das mudanças a que se referiu anteriormente.

Um deles trata de duas mudanças ao mesmo tempo – do vínculo e do nome do lugar – como ocorre com os arraiais “Igreja Nova” e “Carijós”, na *CARTA Geographica da Capitania de Minas Geraes, e Partes Confinantes* (1767), ao se tornarem vilas – “Vila Nova de Barbacena” (Barbacena), em agosto de 1791, e “Queluz” (Conselheiro Lafaiete), em setembro do mesmo ano. Como tal, essas povoações já se encontravam consignadas nos mapas do Setecentos, dentre os quais, o *MAPPA Topografico e Idrografico da Capitania de Minas Geraes* (produzido entre 1791 e 1798), escolhido para registrar as denominações. Outro exemplo versa sobre a mudança do vínculo, mas não do nome, como é o caso de “Tamanduá” (Itapece-rica), povoação que se torna vila em novembro de 1789, mas permanece com o mesmo nome, durante os períodos estudados, como pode ser constatado nos documentos realizados posteriormente àquela data, e que se encontram na amostra.

Sobre os registros das variáveis no banco de dados, observa-se que, tanto o aspecto acidental, genérico, quanto o substantivo, isso é, o

nome do lugar, foram anotados no banco de dados e, nesse caso, foram compreendidos como variáveis. As anotações dos elementos das variáveis concernentes aos mapas que compõem a amostra estudada foram, estritamente, realizadas com o apoio registro gráfico dos cartógrafos.

Quando se recorre aos documentos escolhidos para se realizar a decodificação dos significantes, observa-se que, apenas nos mapas sem legenda, a ortografia atual foi mantida para anotar os acidentes, como, por exemplo, no *MAPPA Topografico e Idrografico da Capitania de Minas Geraes* (produzido entre 1791 a 1798). Nota-se também que, a par das variáveis referidas, duas outras foram elencadas no banco, levando-se em conta os registros dos cartógrafos, desta feita, de acordo com a posição do acidente geográfico definida nos mapas, ou seja, em acordo ao pertencimento de um lugar à Capitania de Minas e a uma de suas Comarcas. Decorre do exposto que, independentemente da fidedignidade dos dados do cartógrafo, ou de um juízo a respeito dessa propriedade das representações, sempre se considerou a definição das circunscrições territoriais mostradas nas representações. Reitera-se, ainda, que os critérios de armazenagem das variáveis foram igualmente observados, além do registro ortográfico dos topônimos, a definição da posição hierárquico-político-administrativa e eclesiástica indicada pelos autores dos mapas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em relação aos topônimos históricos, cujos registros foram definidos segundo os critérios citados, observa-se que, por si só, já representam conjuntos de dados de valor ou informações significativas. Entretanto, esses dados foram estudados e compreendidos, também, como sujeitos: seres que se caracterizaram por aspectos geográficos e linguísticos.

Em relação aos geográficos, os topônimos foram classificados, segundo sua posição político-administrativa e eclesiástica e seu pertencimento à Capitania e à Comarca. Além disso, beneficiando-se do sistema de coordenadas geográficas presente em todos os mapas estudados,

os topônimos históricos foram associados à sua posição em uma determinada quadrícula. Reitera-se, então, que essa variável corresponde a mais uma de localização, acessível como um índice de atlas ou de alguns mapas aos seus usuários. Tratou-se, ainda, de definir a localização atual dos lugares estudados, indicando o Estado, a mesorregião, a microrregião pertinente, o nome e o vínculo geográfico hodierno. Porém, nem sempre foi possível obter essa atualização, ou a identificação dos topônimos no espaço geográfico atual, nas fontes que foram consultadas – de modo geral, dicionários históricos e geográficos de Minas Gerais, cartas topográficas e mapas municipais atuais. Acredita-se que a ampliação dos estudos, considerando trabalhos em campo, consultas mais sistemáticas a cartas topográficas e outras fontes possam reduzir essas incógnitas. Espera-se, também, que a divulgação dos dados, além da utilização desses recursos, possa auxiliar, quer na especificação de mudanças do vínculo e do nome com o lugar, quer na determinação de estiolamentos dos acidentes geográficos.

No Repositório, tanto um conjunto, como outro dos topônimos foram caracterizados em termos linguísticos, apoiando-se teoricamente em estudos toponímicos expostos por Seabra (2004). A par disso, foram considerados estudos de casos, realizados por Seabra (s.d); Seabra e Santos (2012) e Santos e Seabra (2011a e b; 2015) sobre a toponímia histórica mineira. Tendo em vista essas orientações, as variáveis linguísticas que constam do Repositório consistem nas definições da natureza dos topônimos, da origem e da motivação dos nomes. Para a consecução dessas caracterizações, particularmente a das origens dos topônimos, foram utilizados dicionários linguísticos e geográficos, entre outras produções bibliográficas.

As variáveis, levantadas sob a perspectiva diacrônica que embasou os estudos, foram estruturadas em dois conjuntos de planilhas, referidos pelos períodos Setecentista e Oitocentista, este limitado ao período Joanino. Cada um dos conjuntos, por sua vez, reuniu dados analíticos e

sintéticos relacionados às Comarcas e à Capitania de Minas Gerais, visando ao atendimento da perspectiva diatópica da pesquisa.

Os dados analíticos dizem respeito ao inventário dos topônimos presentes em cada um dos mapas da amostra selecionada; os sintéticos correspondem ao conjunto de nomes levantados, e concernem ao território mineiro, ou às suas circunscrições político-administrativas – as Comarcas –, ao longo dos períodos estudados. As características temporais, espaciais, analíticas e sintéticas das planilhas originais foram mantidas no banco de dados do Repositório e conformam, por sua vez, os mecanismos de buscas que foram criados, permitindo o conhecimento de todas as variáveis.

Por fim, espera-se que as informações linguísticas e geográficas referidas anteriormente, possam suscitar questões de interesse. Por isso, espera-se, também, que a divulgação do Repositório propicie a ampliação do estado da arte, seja da toponímia, seja da geografia do território de Minas Gerais.

## REFERÊNCIAS

**CARTA geographica da capitania de Minas Geraes, e partes confinantes.** 1767. 1 mapa ms. Escala [ca. 1: 800 000]. (Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro -AHEX / RJ).

CINTRA, Jorge Pimentel.; SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. Análise Geográfica da Capitania de Minas Gerais de 1804. **Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG**, Belo Horizonte, v. XX, Tomo I, p.67-89, 2011.

COSTA, Antônio Gilberto; SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; SEABRA, Maria Cândida Costa Trindade de (Org.). Exposição Cartografia Histórica e Toponímia: Conexões Possíveis (2014). **Repositório digital de estudos do Centro de Referência em Cartografia Histórica – CRCH/UFMG**. Disponível em: <[www.ufmg.br/rededemuseus/crch/semana15](http://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/semana15)>. Acesso em: 30 ago. 2016.



COSTA, Antônio Gilberto; SANTOS, Márcia Maria Duarte dos, SEABRA, Maria Cândida Costa Trindade de (Orgs.) Paisagens Culturais – Expressões da Toponímia e Cartografia Histórica (2016). **Repositório digital de estudos do Centro de Referência em Cartografia Histórica – CRCH/UFMG**. Disponível em: <[www.ufmg.br/rededemuseus/crch/semana15](http://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/semana15)>. Acesso em: 30 ago. 2016.

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. **Novo Mappa da Capitania de Minas Gerais: levantado por Guilherme Barão D'Eschwege. Tenente Coronel do Real Corpo de Engenheiros**. 1821. 1 mapa ms. Escala [ca. 1: 1 000 000]. (GEAEM - Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar. Lisboa, Portugal – Lx/PT).

GALVÃO, Ramis (Org.). **Catálogo da exposição de história do Brasil**. Ed. *fac.similar*. Brasília: Senado Federal, 1998. Tomo I (Coleção Brasil 500 Anos).

<http://repositoriotoponimia.com.br/home> . In: SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; SEABRA, Maria Cândida Trindade de; COSTA, Antônio Gilberto (Orgs.). **Toponímia Histórica de Minas Gerais: Registros em Mapas do Setecentos ao Oitocentos Joanino**. 1ª Ed. Belo Horizonte, MG: Museu de História Natural e Jardim Botânico, Universidade Federal de Minas Gerais (MHNJB-UFMG); Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHG-MG), 2017. Disponível em: <<http://www.repositoriotoponimia.com.br.html>>. Acesso em 10 dez. 2018.

**MAPPA da Capitania de Minas Geraes**. 1870. 1 mapa ms. Escala [ca. 1: 1 800 000]. Copiado da reprodução manuscrita, entre 1808 e 1809, pelo Cap. Antonio Vilella de Castro Tavares em 1870. (Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro - AHEX/RJ).

**MAPA topografico e hidrografico da Capitania de Minas Geraes**. [entre 1791 e 1798]. 1 mapa ms. Escala [ca. 1:1 700 000]. (Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro- BN/RJ).

MARQUES, Miguel Souza. **Cartografia Antiga: tabela de equivalências de medidas: cálculo de escalas e conversão de valores de coordenadas geográficas**. Lisboa, Biblioteca Nacional, 2001.

MIRANDA, Caetano Luís. **Carta Geographica da Capitania de Minas Geraes**. 1804. 1 mapa ms. Escala [ca. 1: 1 700 000]. (Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro – AHEX/RJ).

ROCHA, José Joaquim da. **Mappa da Capitania de Minas Geraes**: que Mandou Fazer o Ilm<sup>o</sup>. e Exm<sup>o</sup>. Senhor d. Ant<sup>o</sup>. de Noronha, Governador e Capitão Gen<sup>al</sup>. da mesma Capitania. Jozé Joaq<sup>m</sup> da Rocha o fez 1777a. 1 mapa ms. Escala [ca. 1: 1 600 000]. (Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro - BN / RJ).

ROCHA, José Joaquim da. **Mappa da Comarca do R<sup>o</sup>das Mortes, pertencente a capitania de Minas geraes: que mandou descrever o Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor D. Antonio de Noronha, Governador e Capit. am General da mesma Capitania, segundo as mais exactas informações.** Anno de 1777b. 1 mapa ms. Escala [ca. 1: 1 200 000]. (Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro - BN/RJ).

ROCHA, José Joaquim da. **Mappa da Comarca do Sabará pertencente a capitania de Minas Geraes**: 1777c. 1 mapa ms. Escala [ca.1: 1 500 000]. (Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro – BN/RJ).

ROCHA, José Joaquim da. **Mappa da Capitania de Minas Geraes com a Devisa de suas Comarcas**. 1778 a. 1 mapa ms. Escala [ca. 1: 3 400 000]. (Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro - AHEX/RJ).

ROCHA, José Joaquim da. **Mappa da Comarca do R.<sup>o</sup> das Mortes**. 1778b. 1 mapa ms. Escala [ca.1: 1 800 000]. (Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro – AHEX /RJ).

ROCHA, José Joaquim da. **Mappa da Comarca do Sabara**. 1778c. 1 mapa ms. Escala [ca.1: 1 500 000]. (Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte - APM/BH).

ROCHA, José Joaquim da. **Mappa da Comarca do Serro Frio**. 1778d. 1 mapa ms. Escala [ca. 1: 1 700 000]. (Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro – AHEX / RJ).

ROCHA, José Joaquim da. **Mappa da Comarca de Villa Rica**. 1778e. 1 mapa ms. Escala [ca. 1: 600 000]. (Arquivo Histórico do Exército – AHEX/RJ).

ROCHA, José Joaquim da. **Mappa da Comarca de Villa Rica**. 1779. 1 mapa ms. Escala [ca.1: 600 000]. (Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro/RJ).

ROCHA, José Joaquim da. **Mappa da Capitania de Minas Geraes**. 1793. 1 mapa ms. Escala [ca. 1:1 700 000]. (Biblioteca Pública Municipal do Porto - BPMP /PO/PT).

SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. Espaço e Representação nas Minas Setecentista. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, ano XLVI, n. 2, p. 44-59, jul./dez. 2010.

SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; CINTRA, Jorge Pimentel; SEABRA, Maria Cândida Costa Trindade de. A Carta Geographica e o Mappa Topografico e Hidrografico da Capitania de Minas Geraes: a segunda representação, base cartográfica para a primeira? **Revista Caletrosópico**, Ouro Preto, ano 1, n.1, p.9-27, jul./dez. 2012.

SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; CINTRA, Jorge Pimentel; RENGGER, Friedrich. Origem das longitudes e precisão das coordenadas geográficas dos mapas de Minas Gerais do período 1767-1821. *In*: **SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA**, 5., 2013, Petrópolis. Disponível em: <<http://www.cartografia.org.br/vslbch/trabalhos-apresentados.html>>. Acesso em 30 ago. 2016.

SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; SEABRA, Maria Cândida Trindade de; COSTA, Antônio Gilberto (Orgs.). **Toponímia Histórica de Minas Gerais: Registros em Mapas do Setecentos ao Oitocentos Joanino**. 1ª Ed. Belo Horizonte, MG: Museu de História Natural e Jardim Botânico, Universidade Federal de Minas Gerais (MHNJB-UFMG); Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHG-MG), 2017. Disponível em: <<http://www.repositoriotoponimia.com.br.html>>. Acesso em dez. 2018.

SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; SEABRA, Maria Cândida Costa Trindade de. Motivação toponímica da Comarca do Serro Frio: estudo dos registros setecentistas e oitocentistas em mapas da Capitania de Minas Gerais. **Arq. Mus. Hist. Nat. Jard. Bot**, Rio de Janeiro, v. 20, t. 2, p. 237-265, 2011.

SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; SEABRA, Maria Cândida Costa Trindade de. Memória do patrimônio linguístico de Minas Gerais: Análise da motivação toponímica de natureza física da Comarca de Vila Rica em registros cartográficos históricos. **Revista Brasileira de Cartografia**, Rio de Janeiro, v. 67, n. 4, p. 787-803, jul./ago. 2015.

SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; SEABRA, Maria Cândida Costa Trindade de. Revelando o Patrimônio Toponímico de Minas Gerais do Período Colonial e do Joanino: Dos Registros Cartográficos Históricos a um Atlas Digital. **Revista Caletrosκόpio**, Ouro Preto, v. 4, n. especial, p. 547-557, 2016. Disponível em: <<http://www.ichs2.ufop.br/caletroscoPIO/revista/index.php/caletroscoPIO/issue/current>>. Acesso em 4 out. 2016.

SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; SEABRA, Maria Cândida Costa Trindade de; COSTA, Antônio Gilberto. (Org.). **Atlas – Patrimônio Toponímico na Cartografia Histórica de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, 2016. 1 CD. Acompanha material complementar (1 folheto e 10 marcadores de páginas).

SEABRA, Maria Cândida Costa Trindade de. **A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais**: a Toponímia da Região do Carmo. 2004. 2 v. 368f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, Maria Cândida Costa Trindade de. Toponímia ou Nomes de Lugares. *In*: **ALBUM CHOROGRAPHICO MUNICIPAL DO ESTADO DE MINAS GERAES, 1927: ESTUDOS CRÍTICOS**. Disponível em: <<http://www.album-chorographico1927.com.br/texto/estudo-critico-toponimia>>. Acesso em 30 ago. 2016.

SEABRA, Maria Cândida Costa Trindade de; SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. Toponímia de Minas Gerais em Registros Cartográficos Históricos. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri.; SEABRA, Maria Cândida Costa Trindade de. **As Ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. VI. Campo Grande: Editora UFMS, 2012, p. 245-258.